

Raiz

Lavrar (jan—abr)



RAIZ é a revista e agenda-programa do Clube Raiz, um programa da Braga 25 Capital Portuguesa da Cultura. Partindo do património musical do concelho de Braga e da região do Minho, o Clube Raiz visa criar um ecossistema para a celebração e promoção da música tradicional. Através de um programa estruturado em diferentes eixos — música, pensamento, partilha —, este clube privilegia o encontro, constrói pontes e potencia o diálogo entre as diversas vertentes de uma identidade cultural única. Desafiando a uma experiência diversificada, enraizada nas tradições e enriquecida pela contemporaneidade e pela inovação, o Clube Raiz pretende fortalecer a identidade musical minhota e promover a sua valorização dentro da comunidade. Pensado para os públicos locais e regionais, mas também para a vizinha Galiza e restantes regiões portuguesas com forte património de música tradicional, o Clube Raiz é orientado para um alargado espectro de audiências, composto por diferentes faixas etárias e contextos sociais. Paralelamente, será também um programa obrigatório para os interessados em música tradicional, artistas, músicos, melómanos e estudiosos. Nesta publicação, com periodicidade quadrimestral, vamos dar voz e promover o universo da música de raiz, do concelho de Braga e da região do Minho. Vamos também celebrar a nossa cultura vernacular nas suas múltiplas expressões: a gastronomia, os hábitos, costumes e trajes tradicionais, as narrativas locais e toda a herança cultural de raiz minhota.



Agenda

MÚSICA

Grupo de Cantares Mulheres do Minho + Conservatório de Música Calouste Gulbenkian Braga

AUDITÓRIO ADELINA CARAVANA
SÁBADO, 25 JANEIRO 2025 - 17:00
ENTRADA LIVRE (LEVANTAMENTO DE BILHETE
UMA HORA ANTES DO ESPETÁCULO)

MÚSICA / CONFERÊNCIAS / CINEMA

XI Edição Festival Cultural Convergências Portugal / Galiza

3 FEVEREIRO A 15 MARÇO 2025,
BRAGA E GALIZA (VÁRIOS LOCAIS)
(CONSULTAR PROGRAMA NA PÁG. 19)

FORMAÇÃO

Oficina de Percussão Tradicional com Rui Rodrigues

AUDITÓRIO MULTIUSOS DA JUNTA DE FREGUESIA DE SÃO VICENTE
SÁBADO E DOMINGO, 15 + 16 MARÇO 2025
PARTICIPAÇÃO GRATUITA
(INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)

FORMAÇÃO

Oficina de Cavaquinho com Daniel Pereira Cristo

AUDITÓRIO DA JUNTA DE FREGUESIA DA SÉ
SÁBADO E DOMINGO, 5 + 6 ABRIL 2025
PARTICIPAÇÃO GRATUITA
(INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)

GASTRONOMIA / CONVERSA / MÚSICA

Roda da Tradição

CASA DOS CARVALHOS, PADIM DA GRAÇA
SÁBADO, 29 MARÇO 2025
ENTRADA LIVRE, COM PRÉ-INSCRIÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NO EVENTO E PARA A CONFEÇÃO DO PRATO GASTRONÓMICO (INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)

14:30 – ABERTURA COMER A PAISAGEM
- GASTRONOMIA COM RUI LEMOS SOUZA
15:30 – CONVERSEMOS SOBRE:
O CANTO POLIFÓNICO E A VIDA NO CAMPO
17:00 – APRESENTAÇÃO COMER A PAISAGEM
- GASTRONOMIA COM RUI LEMOS SOUZA
18:00 – ATUAÇÃO DO GRUPO DE MÚSICA POPULAR DA UNIVERSIDADE DO MINHO

sáb, 25 jan — 17:00
Auditório Adelina Caravana –
Conservatório de Música Calouste Gulbenkian Braga

Grupo de Cantares Mulheres do Minho + Conservatório de Música Calouste Gulbenkian Braga

Surgem frequentemente ligações comunicantes entre a música de compositores clássicos com as tradições musicais do folclore e da música popular. Ao longo do século XX, foram vários os compositores clássicos que deixaram permear a sua composição pelo folclore. Na atualidade e não só na música clássica, multiplicam-se exemplos em que a música popular utiliza motivos característicos da música tradicional. Há um interesse renovado que recupera as tradições, impedindo a sua extinção. O encontro entre os cantares polifónicos do Grupo de Cantares Mulheres do Minho com um *ensemble* de músicos do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian terá esse especial propósito de aproximação de domínios musicais que funcionam com dinâmicas e processos próprios. São duas instituições com uma forte ligação ao território de Braga e à região do Minho, que trabalharam em conjunto nos últimos meses. Este encontro destaca a naturalidade com que dois universos musicais cantam e tocam, criando harmonias particulares. Um encontro único e especial, que relevará os tons e as memórias dos tempos, que evidenciará modos de abordagem à música como linguagem universal. A contemporaneidade e tradição numa unidade sublime, plena de motivos culturais tão únicos como diversos, de uma região tão rica em signos como é a região do Minho.

ENTRADA LIVRE (LEVANTAMENTO DE BILHETE UMA HORA ANTES DO ESPETÁCULO)
CURADORIA ILÍDIO MARQUES / BRAGA 25 CAPITAL PORTUGUESA DA CULTURA
DIREÇÃO ARTÍSTICA ESPETÁCULO CATARINA CARVALHO GOMES
PRODUÇÃO RITA MAIA COORDENAÇÃO TÉCNICA JOSÉ PEDRO CALDAS
PARCEIROS ESCOLA ARTÍSTICA CONSERVATÓRIO DE MÚSICA CALOUSTE GULBENKIAN BRAGA,
GRUPO DE CANTARES MULHERES DO MINHO, ASSOCIAÇÃO DE CANTO A VOZES - FALA DE MULHERES





Criado em 1998 com o propósito de preservar e divulgar a música cantada por mulheres, o Grupo de Cantares Mulheres do Minho é um dos mais emblemáticos de Braga. Com cantares associados ao trabalho quotidiano do mundo rural do Baixo Minho, este grupo de cantares polifónicos espelha as vivências de outros tempos através de um conjunto de vozes executadas à capela.



Do cantar se faz canção

Grupo de Cantares Mulheres do Minho

Juntam-se às seis da tarde em ponto, na sede da Junta de Freguesia de São Vitor. Enquanto aquecem as vozes, vão partilhando as canseiras das vidas umas das outras e vão-se dispondo num círculo perfeito.

O Grupo de Cantares Mulheres do Minho teve origem e mantém-se ativo por iniciativa de Ana Maria Azevedo. O grupo formou-se em 1997, depois de um processo de recolha de cantares pela região do Minho. Ana Maria foi andando pelas aldeias. Não tinha muitas pistas quando começou. Quando terminou tinha 125 cantares. Quanto mais alargava a geografia, mais cantares surgiam. Memórias baças, que se tentavam reconstruir. Ecos que se ouviam de mães e avós, em tempos distantes. “Fiquei admiradíssima com tudo o que fui descobrindo. Mulheres sem saber ler, nem escrever, com toda a riqueza daquela matéria, transferida de geração em geração” — explica-nos Ana Maria.

No ensaio, as canções vão aparecendo por sugestão. Uma começa, as outras vão atrás. Há quem experimente cantar num tom mais acima ou mais abaixo, como quem procura o lugar mais confortável para estar.

Foi ainda durante o período em que Ana Maria fazia a recolha, que surgiu a ideia de formar o grupo. Antes, tinha sido criada a associação Canto a Vozes, que atualmente reúne mais de 60 grupos. No início eram sete mulheres, algumas já pertenciam a ranchos folclóricos ou a coros. Atualmente são 17 mulheres, o que permite ter até seis vozes diferentes. Começam pelas vozes mais graves e depois vão entrando as intermédias até chegar ao guincho, que é a voz mais aguda.

Em meados de novembro começaram os ensaios com os alunos do Conservatório Calouste Gulbenkian. “Sempre gostamos de nos meter em aventuras”, repara Ana Maria. “É a primeira vez que vamos cantar acompanhadas de instrumentistas”. São alunos finalistas do Curso de Composição do Conservatório Gulbenkian, que fizeram arranjos para alguns temas.



As novas gerações começam a interessar-se pelos cantares. Os grupos estiveram durante décadas silenciados no Estado Novo e ostracizados, mesmo depois. Agora, há uma geração que começa a dar importância e valor aos cantares, há mais quem se interesse pelos cantares e pela sua preservação.

O ensaio vai a mais de meio quando se estudam os cantares que precisam de mais trabalho. Estes encontros servem precisamente para testar cada uma das partes do cantar – verso a verso, quadra a quadra. Conferem-se as letras e as vozes que hão de caber a cada uma destas mulheres, fazendo do conjunto uma unidade perfeita.

A princípio, todas cantam com o mesmo volume, ajudando à perfeição de que cantam a uma só voz. De vez em quando há uma voz que se destaca, mas é assim que é suposto. A voz em destaque corre sobre todas as outras que lhe dão uma base de suporte.

Do mesmo modo que o círculo se forma, começa a desfazer-se uma hora depois. Cada uma das mulheres regressa para o seu quotidiano. Não se sente nenhuma ansiedade. Essa aparecerá mais próximo da data de apresentação do espetáculo. Ana Maria testemunha a tranquilidade do grupo – “Vamos ver o que é que dá. De certeza que resultará algo bom e diferente”.

GRUPO DE CANTARES MULHERES DO MINHO
DIREÇÃO MUSICAL ANA MARIA AZEVEDO, SOFIA SARMENTO INTÉRPRETES ALBERTINA NOGUEIRA,
ANA MARIA AZEVEDO, ANA MARTINS, ANDREA GOUVÊA, CONCEIÇÃO OLIVEIRA, ELVIRA LOBO,
FILOMENA ALVES, FILOMENA RAMOS, JUDITE DIAS, LUCÍLIA ARAÚJO, MARIA JOSÉ FERREIRA,
MÓNICA BAHIA, NUNA VASCONCELOS, SOFIA SARMENTO, TERESA SARMENTO

A música como o silêncio são linguagens universais

Conservatório de Música Calouste Gulbenkian Braga

Nas imediações do emblemático edifício da Escola Artística Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga há uma agitação constante, um entra e sai permanente. Sons abafados de vários instrumentos musicais, reverberam em total assincronia, chegando à rua desde as salas onde decorrem as aulas.

Jorge Faria é diretor desta instituição há pouco mais de um ano. “Temos mais de meio século de história”, começa por dizer-nos, “a escola influenciou um pensamento modernista, instigou a abstração e a criatividade”. O Conservatório, com quase um milhar de alunos, cumpriu em novembro 63 anos e tem uma comprovada importância regional. “Os nossos alunos estão bem cientes do seu papel na sociedade. Quando saem, são cidadãos do espaço europeu” — conclui Jorge Faria.

Faz também parte da missão do Conservatório ter um papel ativo no meio em que se insere. O projeto com o Grupo de Cantares Mulheres do Minho é exemplo disso, estando a ser desenvolvido com o Curso de Composição. Segundo o diretor, esta será uma oportunidade para mostrar as potencialidades do trabalho da escola: “o Conservatório não está fechado na música clássica. A abertura à música popular está a resultar de uma forma incrível, desde o primeiro momento”. O trabalho de composição foi feito sobre as vozes e o silêncio. Os arranjos ficarão escritos em partituras.

Nos corredores e salas de aula deste edifício há um constante exercício de experimentação. O edifício de arquitetura modernista, projetado pelos arquitetos Manuel d’Ávila e Domingos Fernandes, encontra-se atualmente no limite da sua capacidade e deverá ser beneficiado por obras de renovação e ampliação.

ESCOLA ARTÍSTICA CONSERVATÓRIO DE MÚSICA CALOUSTE GULBENKIAN BRAGA
DIREÇÃO MUSICAL PAULO BASTOS, SOFIA SOUSA ROCHA ALUNOS COMPOSITORES ILONA KARST,
IVO PINTO, MANUEL MACEDO, RODRIGO GONÇALVES, MÁRIO TINA ALUNOS INTERPRETES
BEATRIZ MOTA (VIOLINO), BRUNA ARAÚJO (VIOLINO), CAMILA FONSECA (VIOLINO), CATARINA
ARAÚJO (HARPA), DUARTE GONÇALVES (PERCUSSÃO), INÊS FERNANDES (CONTRABAIXO), IVO
PINTO (PERCUSSÃO), LUCAS FARIA (FLAUTA), MANOELA GOMES (SAXOFONE), MANUEL MACEDO
(GUITARRA E PERCUSSÃO), MÁRIO TINA (ELETRÓNICA), RODRIGO GONÇALVES (PIANO E PERCUSSÃO),
SANTIAGO MATOS (TROMPETE), SANTIAGO PEREIRA (TROMPETE)

Estabelecido em Braga na década de 1960, a Escola Artística Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga é uma instituição pública de ensino artístico especializado na música, sendo atualmente uma das escolas do país com o mais elevado nível artístico e técnico.







Festival Cultural Convergências Portugal / Galiza

Zeca Afonso e Rosalía de Castro: a união que continua a inspirar as Convergências

Em 2007, o grupo bracarense Canto D'Aqui organizou um concerto para celebrar os 20 anos da morte de Zeca Afonso. Desde então, a 23 de fevereiro, o grupo tem repetido a homenagem, reunindo músicos e intérpretes para celebrar o legado do poeta, cantor e compositor revolucionário. Do outro lado do Rio Minho, em Padrón, na Galiza, no dia 24 de fevereiro, celebra-se anualmente o nascimento de Rosalía de Castro, escritora e poeta galega ligada ao movimento literário “rexurdimento”, responsável pela nova vida da língua galega, depois de séculos de opressão.

Num destes anos, as celebrações cruzaram-se de forma inesperada. A cantora galega Uxía, convidada para os concertos em Braga, também tinha de estar em Padrón para homenagear Rosalía. Jaime Torres, do grupo Canto D'Aqui, prontificou-se a levá-la e acabou por assistir ao tributo galego. “Fiquei completamente espantado!”, conta Jaime. “Todos os intervenientes – poetas, escritores, músicos e outras personalidades – faziam referência a poetas portugueses com uma paixão incrível. Comentei com a Uxía: — *Parece que estou em casa!*”. Durante a viagem de regresso, vieram a conversar sobre a ideia de unirem Zeca Afonso e Rosalía de Castro num único tributo. “E foi assim que nasceram as Convergências!”, conta Jaime, entusiasmado.

Zeca e Rosalía, apesar de separados no tempo, têm muito em comum. Ambos partilhavam uma forte ligação às raízes e tradições populares, tanto que Uxía considera-os “almas gémeas”. Desde 2022 que uma descoberta os une ainda mais: ao contrário do que até então se considerava, os dois estão ligados ao dia 23 de fevereiro. A investigadora galega Sagrario Abelleira descobriu uma declaração notarial que comprova que Rosalía nasceu, afinal, no dia 23 de fevereiro de 1837, exatamente 150 anos antes da morte de Zeca.

**Perguntámos
a Jaime Torres
o que esperar da
edição de 2025**

Destaques para o Ciclo de Cinema Galego, em colaboração com o Lucky Star Cineclube de Braga; o colóquio “A Música tradicional de Portugal e da Galiza: da origem à contemporaneidade”, com Ana Sofia Carvalheda (Antena 1), Daniel Pereira Cristo e Oscar Ibañez (músicos), com moderação de José Moças (Editora Tradisom) e a Noite de Fado Convergente com Uxía e Ricardo Ribeiro. O fadista também fará parte do Tributo a José Afonso e Rosalía de Castro.



Celebrando estas duas figuras incontornáveis da história ibérica, o Festival Convergências, nasceu como semana cultural para se transformar numa celebração mais abrangente, que valoriza tradições partilhadas e promove a diversidade artística.

A caminho da sua 11.^a edição, com quase 20 dias de programação, o festival estende-se por Braga, Padrón (Corunha), Pontearreas e A Estrada (Pontevedra) e Santiago de Compostela.

Além de música e poesia, inclui teatro, cinema, dança e colóquios com figuras de destaque de Portugal e da Galiza. Referências como Uxía, Cristina Branco, Oscar Ibáñez, Janita Salomé, Pedro Jóia, Galandum Galundaina, Camané e Amâncio Prada já passaram pelo festival, tal como muitos outros grupos, orquestras e entidades culturais de ambos os lados da fronteira.

Entre os momentos mais emblemáticos estão a Noite de Fado Convergente e o concerto de tributo a Zeca Afonso e Rosalía de Castro, que unem fadistas e músicos portugueses e galegos em homenagens às figuras centrais das Convergências.

Programa da XI Edição

Colóquio- -conferência sobre o fado em Portugal

3 FEV, 17:00
AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO
PROFISSIONAL DE MÚSICA,
SANTIAGO DE COMPOSTELA-USC

Isabel Rei Samartin e Artur Caldeira

Concerto duo de guitarras
3 FEV, 20:00
AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO
PROFISSIONAL DE MÚSICA,
SANTIAGO DE COMPOSTELA-USC

Ciclo de Cinema Galego

Em parceria com o Lucky
Star Cineclub de Braga
3 FEV, 21:30
BIBLIOTECA LÚCIO
CRAVEIRO DA SILVA

Documentário “Retimbrar de trás para Frente – o percurso até Levantar do Chão”

7 FEV, 21:30
EDIFÍCIO DOS CONGREGADOS,
UNIVERSIDADE DO MINHO

Canto D’Aqui com Banda de Música Municipal de “A Estrada”

8 FEV, 21:30
AUDITÓRIO DO ESPAÇO VITA

Apresentação de livros e momentos musicais sobre a vida e obra de

José Afonso
Com José Moças
(Editora Tradisom)
9 FEV, 16:00
REDONDELA, GALIZA

Ciclo de Cinema Galego

Em parceria com o Lucky
Star Cineclub de Braga
10 FEV, 21:30
BIBLIOTECA LÚCIO
CRAVEIRO DA SILVA

Conferência sobre a guitarra na Galiza

Com Isabel Rei Samartin
e Artur Caldeira
14 FEV, 18:00
SALÃO NOBRE DOS
CONGREGADOS - DEPARTAMENTO
DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE
DO MINHO (PROGRAMA SUJEITO
A ALTERAÇÃO)

Isabel Rei Samartin e Artur Caldeira Concerto duo de guitarras

14 FEV, 21:30
SALÃO NOBRE DOS
CONGREGADOS, DEPARTAMENTO
DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE
DO MINHO

Teatro “Xacovedra” Pela Associação Cultura Papaventos, Vedra-Galiza

15 FEV, 21:30
JUNTA DE FREGUESIA
DE NOGUEIRÓ (PROGRAMA
SUJEITO A ALTERAÇÃO)

Danças e Cantares da Raia – Grupo Moinhos de Oliveira, Ponteareas/Galiza e

Rusga de São Vicente
16 FEV, 16:00
PRAÇA DA REPÚBLICA
(EM CASO DE MAU TEMPO
DECORRERÁ NO AUDITÓRIO
DA JUNTA DE FREGUESIA
DE NOGUEIRÓ)

Ciclo Cinema Galego

Em parceria com o Lucky
Star Cineclub de Braga
17 FEV, 21:30
BIBLIOTECA LÚCIO
CRAVEIRO DA SILVA

Recital de Poesia Gallaecia com poetas do Minho e da Galiza

Em parceria com a Rede
de Galilusofofia
18 FEV, 21:30
MUSEU NOGUEIRA DA SILVA

Colóquio-tertúlia “A Música tradicional de Portugal e Galiza: da origem à contemporaneidade”

Com Ana Sofia
Carvalheda (produtora
de conteúdos Musicais da
Antena 1 – RTP, mentora
e autora do Programa
“Árvore da Música”
da Antena 1), Daniel
Pereira Cristo (músico),
Óscar Ibañez (músico)
e moderação por José
Moças (Editora Tradisom)
19 FEV, 21:00
GNRATTION

Noite de Fado Convergente: Ricardo Ribeiro e Uxía

22 FEV, 21:30
AUDITÓRIO DO ESPAÇO VITA

Tributo a José Afonso e Rosalía de Castro

Concerto de
encerramento com
Grupo Canto D’Aqui,
Amancio Prada e Uxía
23 FEV, 17:00
THEATRO CIRCO

Tributo José Afonso e Rosalía de Castro Com Canto D’Aqui

e Iría Estevez
1 MAR, 20:00
TEATRO PRINCIPAL
DE A ESTRADA

Excursão a Santiago de Compostela e Padrón com visita guiada ao Museu do Povo Galego e Fundación Rosalía de Castro

Organização em
colaboração com a Junta
de Freguesia de Nogueiró
2 MAR, 8:00
SANTIAGO DE
COMPOSTELA E PADRÓN

Grupo Voces do Arrieiro de Ponteareas – Galiza

2 MAR, 16:00
AUDITÓRIO ROSALÍA
DE CASTRO, PADRÓN

Grupo Canto D’Aqui e Rusga de São Vicente

15 MAR, 20:00
AUDITÓRIO REVERIANO
SOUTULLO – PONTEAREAS



Oficinas de Formação

No Clube Raiz, o conhecimento é uma semente que floresce e une gerações. Através de um programa formativo, são promovidos encontros de aprendizagem prática em torno dos instrumentos tradicionais, onde os participantes vão ter oportunidade para explorarem e darem os primeiros passos no universo destes instrumentos. Sob orientação de nomes de referência, estas oficinas vão abordar não apenas técnicas, como também a história e o significado cultural de cada instrumento. Estes momentos de formação fortalecem competências musicais, preservam saberes e mantêm vivas as tradições do Minho, garantindo a sua continuidade e relevância para as gerações atuais e futuras.

sáb, 15 e dom, 16 mar
Auditório Multiusos da Junta de Freguesia de São Vicente

Oficina de Percussão

O ritmo facilita a compreensão das primeiras noções musicais e, no caso português, a vertente cultural do bombo é uma mais-valia fundamental que permite uma genuína construção articulada do saber. Esta tem sido uma das temáticas trabalhadas por Rui Rodrigues, nomeadamente nas publicações dos seus livros direcionados à promoção e divulgação da cultura do “bombo” e das artes percussivas portuguesas. Estas oficinas incluem jogos pedagógicos, prática de padrões rítmicos e trabalho de formação em contexto de *ensemble*. Um ponto de partida para a exploração das linguagens percussivas que se cruzaram entre África, Portugal e o Brasil.

PARTICIPAÇÃO GRATUITA (INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)
LIMITADO A 15 PARTICIPANTES PÚBLICO-ALVO MÚSICOS E NÃO MÚSICOS QUE
PRETENDAM TER UM PRIMEIRO CONTACTO COM A PERCUSSÃO TRADICIONAL
FORMADOR RUI RODRIGUES PARCEIROS JUNTA DE FREGUESIA DE SÃO VICENTE

Explorar a alma da percussão tradicional

com Rui Rodrigues

Os grupos de bombos, conhecidos como Zés Pereiras, são uma das tradições populares mais antigas do nosso país. Estes grupos de percussão tradicional, com bombos e caixas, tocam ritmos vibrantes que animam festas, cortejos, ruas e praças e, por vezes, são acompanhados por coloridos gigantones e cabeçudos, que tentam acompanhar o ritmo com os seus corpos desengonçados. Atualmente, vários grupos de percussão mantêm vivas estas tradições, reproduzindo e reinventando ritmos contagiantes.

O percussionista e professor Rui Rodrigues tem uma forte ligação aos instrumentos de percussão tradicional, alimentada pelas suas memórias afetivas de raízes minhotas. Um dos aspetos que pretende destacar nesta oficina é a origem comunitária destes instrumentos, algo que foi ouvindo enquanto crescia: “Aqui no Minho, as pessoas juntavam-se muito para tocar, era um aspeto fundamental das suas vidas. Mulheres e homens trabalhavam juntos, partilhavam comida e depois cantavam, tocavam e dançavam em comunidade. Tudo era tudo muito partilhado, incluindo estes instrumentos”. Para Rui, uma das grandes riquezas da percussão tradicional reside no facto de ser tocada em grupo. “Numa altura em que estamos cada vez mais individualistas, tocar música em conjunto tem um poder transformador. Num grupo de percussão, geralmente não há espaço para egos, todos têm de soar como um só e isso é um exercício muito importante”.

Acima de tudo, Rui Rodrigues quer que as pessoas experimentem o quão divertido pode ser tocar bombos, caixas ou tarolas e que os participantes possam partilhar histórias relacionadas com os seus instrumentos: “Adorava que trouxessem instrumentos e partilhassem as suas memórias: *este instrumento era do meu avô, ele tocava assim e nestas ocasiões...*”. Para ele, esta troca de experiências é fundamental para manter a tradição viva e inspirar novas gerações.

Rui Rodrigues é baterista,
autor, formador e
comunicador. Pioneiro
na edição de conteúdos
percussivos em Portugal,
criou a Associação
Bombos com Alma e
gravou inúmeros discos
em géneros diversos.



Nascido em Braga, Daniel Pereira Cristo é músico, multi-instrumentista e cantor, amplamente reconhecido pela destreza nos cordofones tradicionais. Em 2018 foi galardoado com o Prémio Carlos Paredes pelo seu primeiro trabalho a solo, *Cavaquinho Cantado*.



Aprender os segredos do cavaquinho

com Daniel Pereira Cristo

Há quem diga que é o instrumento mais popular do Minho. O cavaquinho, pequeno cordofone com quatro cordas, revela toda a sua popularidade nas romarias e rusgas populares, marcando o ritmo dos “viras”, “chulas” e “malhões” dos grupos folclóricos ou dos cantares à desgarrada. Embora a sua origem seja difícil de definir com precisão, está historicamente ligado à região de Braga, sendo o tipo “minhoto” o mais tocado no nosso país, existindo “primos” noutras regiões e além-fronteiras: o braguinha, da Madeira, o urbano, de Lisboa, o de Cabo Verde e do Brasil, o ukulele do Havai e o keroncong da Indonésia.

Para Daniel Pereira Cristo, o cavaquinho é um instrumento acessível para principiantes: “É fácil começar a aprender a tocar cavaquinho, mas para fazer aquilo que os músicos profissionais fazem, é preciso dominar outro tipo de afinações e fazer um estudo um pouco mais aprofundado”.

O músico juntou-se à Associação Cultural Museu Cavaquinho a convite do nome maior deste instrumento, Júlio Pereira, e juntos têm desenvolvido ações para que haja uma melhor prática do cavaquinho, desde a construção, à escolha das cordas certas para cada tipo de afinação ou à própria calibração. “Uma boa prática começa com instrumentos bem afinados e as minhas oficinas abordam muito essas técnicas, para que consigamos olhar para estes instrumentos com o máximo rigor. Enquanto não o fizermos, a nossa música tradicional tenderá a ser considerada como menor”, defende.

Para além da vasta experiência e certificação em formação musical, o músico está totalmente disponível para partilhar ensinamentos: “Nas minhas oficinas, ensino tudo o que sei, não tenho segredos. O que quero é levar a prática do cavaquinho mais além, mostrando a diversidade e riqueza dos nossos instrumentos e a sua importância para compreendermos melhor as nossas raízes”. Com esta oficina, Daniel pretende abrir portas para principiantes e, aos que já dominam algum instrumento de cordas, inspirá-los a explorar o cavaquinho de uma forma inovadora e diferenciadora.

sáb, 5 e dom, 6 abr
Auditório da Junta de Freguesia da Sé

Oficina de Cavaquinho

Nesta oficina iremos conhecer a história do cavaquinho, entender a sua construção, o calibre de cordas, passando ainda pela técnica, tipo de repertório e até amplificação. Vamos também esmiuçar todas as perspetivas do nosso cavaquinho e perceber como, de forma simples, o podemos manter bem afinado e extrair dele a sua tão peculiar sonoridade, com a técnica do rasgado com polegar e a arte de tocar em simultâneo harmonia, melodia e ritmo. Daniel Pereira Cristo tem dedicado a sua vida ao estudo do nosso popular tetracórdio, músicas e demais cordofones tradicionais, e tem vindo a transmitir os conhecimentos que foi acumulando ao longo dos anos, nas suas sempre interessantes oficinas de cavaquinho e música tradicional.

PARTICIPAÇÃO GRATUITA (INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT) LIMITADO
A 15 PARTICIPANTES PÚBLICO-ALVO MÚSICOS E NÃO MÚSICOS QUE PRETENDAM
TER UM PRIMEIRO CONTACTO COM O CAVAQUINHO FORMADOR DANIEL PEREIRA
CRISTO PARCEIROS UNIÃO DE FREGUESIAS DE MAXIMINOS, SÉ E CIVIDADE





sáb, 29 mar
Casa dos Carvalhos, Padim da Graça

Roda da Tradição

A par da música, o ato de partilhar assume um papel central no Clube Raiz e, por isso, cada evento é pensado como uma experiência coletiva única. Aqui, a partilha é mais do que um ato, é um compromisso para com a construção de uma comunidade unida na paixão pela cultura minhota. O Clube Raiz convida todas as pessoas a partilhar não apenas música, mas também as tradições, histórias, memórias e costumes que moldam a identidade minhota. Para reforçar esta rede de afinidades e fortalecer os laços comunitários do nosso território, o Clube Raiz viaja por quatro freguesias do concelho de Braga e propõe um conjunto de quatro encontros que juntam à mesma mesa gastronomia e música, onde os sabores da cozinha tradicional, confeccionados pelo Chef Rui Lemos Souza, vêm acompanhados por uma apresentação informal de um grupo musical bracarense. Há sempre lugar para mais um nesta mesa, com talheres na mão ou com um instrumento musical.

Programa:

- 14:30 — Abertura Comer a paisagem – Gastronomia com Rui Lemos Souza
- 15:30 — Conversemos sobre: o canto polifónico e a vida no campo
- 17:00 — Apresentação Comer a paisagem – Gastronomia com Rui Lemos Souza
- 18:00 — Atuação do Grupo de Música Popular da Universidade do Minho

ENTRADA LIVRE, COM PRÉ-INSCRIÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NO EVENTO E PARA A CONFEÇÃO DO PRATO GASTRONÓMICO (INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT) PARCEIROS DESCENTRAR BRAGA, JUNTA DE FREGUESIA DE PADIM DA GRAÇA, ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL UNIVERSITÁRIA DO MINHO, ASSOCIAÇÃO DE CANTO A VOZES – FALA DE MULHERES, CANTADEIRAS DO CAMPO DO GERÊS, GRUPO DE CANTARES MULHERES DO MINHO



Comer a paisagem

Nestes encontros, o Chef Rui Lemos Souza desafia a comunidade a juntar-se a ele para redescobrir a gastronomia minhota, ajudando-o a elaborar um prato ou petisco tradicional. Convida-nos a comer a paisagem, mas também a contemplá-la e a bebê-la. Hoje, em tempos de total vertigem, quase perdemos a capacidade de parar e olhar, de parar e comer, de parar e contemplar. E o que é contemplar se não fazermos paisagem também? Seja ao pé do fogo, no revolto das ervas ou à beira-rio, o ato de parar para comer é por si um ritual de partilha, de vagar, de conversas e cantorias. Tudo isto parece contraditório com o que vivemos hoje e é por isso que o queremos contradizer também. E porque menos com menos dá mais, contrariemos esse contraditório: ser paisagem, existir nela, comer em pé, desabafar à mesa. Juntem-se a nós para provar uns petiscos feitos por e para a comunidade. Venham, mas com vagar.

Rui Lemos Souza
é cozinheiro, compositor,
performer, artista visual
e investigador.



Música e mesa: uma receita fundadora

com Rui Lemos Souza

Dizer que este texto é uma caldeirada, não será uma metáfora desajustada. Conhecemos Rui Souza dos seus projetos ligados à música. Surpreendemo-nos quando o vimos no televisor, atrás de uma banca de cozinha. Falamos de música, arte e gastronomia. Para ser mais exato, como se come e canta e como com isso se fundam comunidades.

A Cultura é mais abrangente do que a arte. “Pessoas, cujo trabalho implica viajar, dizem que a melhor forma de conhecermos a cultura de um lugar é através da gastronomia” – diz-nos Rui Lemos, do outro lado do ecrã. “Comer é uma inevitabilidade”, conclui de forma universal.

Mas o que melhor serve a este texto é a experiência de comer em comunidade, mais ainda se houver música: “comer não é um ato íntimo, pode ser feito de forma comunal. Há toda uma prática de conhecer pessoas através da comida”.

Comer é uma arte, diz-se por vezes, é preciso saber comer. Mas a gastronomia pode não ser entendida como uma arte por si só. “A gastronomia pode ser arte, não só do ponto de vista estético. Eu gosto de trabalhar esse lado mais estético. Daí que entenda que a gastronomia possa ser expressão artística, de uma forma muito forte” – conclui Rui Souza.

Música e gastronomia sempre se influenciaram reciprocamente. “Se relacionarmos a música tradicional, que se faz em cada lugar, com aquilo que se come, percebe-se que faz tudo muito sentido. É um sentido que eu não sei explicar” – diz-nos Rui Lemos Souza. Será essa falta de explicação que torna esta relação mágica e bonita. Estar à volta da mesa a comer ou a cantar é todo um sistema de partilha, que não pode deixar de caracterizar a cultura de um lugar.

Conversemos sobre: o canto polifónico e a vida no campo

O Clube Raiz convida a explorar as profundas ligações entre o canto polifónico e a vivência rural, num diálogo que celebra a música tradicional como reflexo e expressão do quotidiano no campo. Este encontro insere-se no ciclo de conversas do Clube Raiz, num espaço dedicado à reflexão e à partilha de ideias sobre as raízes culturais e musicais do nosso país.

Nesta conversa, discutiremos como o canto polifónico – com as suas harmonias únicas e simbolismo comunitário – traduz as dinâmicas sociais e emocionais da vida rural. Para isso contaremos com a presença de relevantes personalidades nacionais para estimular o pensamento crítico e a troca de experiências, num ambiente propício ao diálogo. Um convite para mergulhar nas sonoridades tradicionais e compreender o seu papel como elo entre passado e presente.

→ Moderação

Armando Sousa é arquivista e programador na Fonoteca Municipal do Porto, onde dinamiza uma coleção de discos de vinil através de atividades multidisciplinares, entrevistas e sessões de escuta. A sua relação com a música transcende no entanto as quatro paredes e as dezenas de milhares de discos que ocupam o seu dia a dia. Neste sentido, a sua formação em História e o seu interesse por aspectos sociais e culturais levaram-no a desenvolver trabalhos acerca do papel da música nas relações entre esfera pública e privada, bem como daquela com as elites políticas.

→ Participantes

Maria do Rosário Pestana é Professora Associada na Universidade de Aveiro e investigadora integrada no Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos em Música e Dança. Desenvolve investigação sobre arquivos sonoros de tradições musicais, folclorismo e folclorização, canto em coro, bandas filarmónicas, indústrias da música, música e migração e música local. Esse trabalho resultou na edição crítica de registos sonoros históricos, na curadoria de exposições e na coordenação editorial de livros e outras publicações.

Associação de Canto a Vozes – Fala de Mulheres, criada em 2020, dedica-se à defesa e à divulgação do canto polifónico a três ou mais vozes, interpretado formal ou informalmente por mulheres.

Cantadeiras do Campo do Gerês

é um grupo musical tradicional que preserva e divulga as canções do Cancioneiro Geresiano. Reconhecidas pelo canto polifónico e com presença assídua em múltiplos eventos culturais, promovem a herança musical da região.

Grupo de Cantares Mulheres do

Minho, criado em 1998 com o propósito de preservar e divulgar a música cantada por mulheres, é um dos coletivos musicais mais emblemáticos de Braga. Com cantares associados ao trabalho quotidiano do mundo rural do Baixo Minho, este grupo de canto polifónico espelha as vivências de outros tempos através de um conjunto de vozes executadas à capela.

Grupo de Música Popular da Universidade do Minho

por Henrique Pereira

Estamos muito entusiasmados por participar nesta Roda da Tradição. Acreditamos que vai ser uma excelente oportunidade para unir a nossa gastronomia minhota, tão rica, à música popular e tradicional, com as suas múltiplas musicalidades.

A música à volta da mesa sempre foi muito importante, desde os tempos dos nossos antepassados. O Minho está muito ligado ao trabalho no campo, à agricultura, e era como escape à dureza desse trabalho que, ao final do dia, as pessoas se juntavam à mesa, em casa ou nos cafés, para cantar em conjunto. É uma tradição muito bonita da nossa região e da cultura portuguesa. No nosso grupo gostamos muito de manter esse ritual: sempre que nos reunimos para um jantar, almoço ou qualquer outro encontro, levamos instrumentos, cantamos e tocamos juntos. É algo que faz parte da nossa essência – até é estranho se não o fizermos!

Ao longo dos anos, os estudantes da Universidade do Minho têm vindo a juntar-se ao Grupo de Música Popular quando querem explorar novas formas de expressão musical e aprender mais sobre instrumentos e sonoridades tradicionais, algo que nem sempre é fácil para quem vive numa cidade. Este nosso grupo vive experiências muito especiais, seja em festivais de música *folk* ou *world music*, ou noutros encontros que nos permitem manter as tradições vivas.

A Roda da Tradição vai ser uma dessas vivências únicas, onde vamos poder saborear as iguarias do Chef Rui Lemos Souza enquanto partilhámos a nossa música.





O Grupo de Música Popular da Universidade do Minho foi fundado por estudantes desta instituição em 1984 e é um dos grupos mais antigos da academia minhota. Dedicar-se à recolha da música tradicional e popular portuguesa, bem como à sua divulgação, execução e recriação através de um coro associado à simplicidade dos instrumentos tradicionais. O Grupo tem presença regular em diversas iniciativas culturais nacionais e internacionais, como espetáculos, conferências, romarias e até casamentos, passando pelas atuações de rua, ações de beneficência, e festivais *Folk* e *World Music*.



THIN



Enclaves de memória, ecos de tradição

Polifonias Singulares Vol. 1 Lavoisier & Cantadeiras do Campo do Gerês

Nesta e nas próximas edições da revista Raiz,
Armando Sousa propõe-nos quatro discos
— quatro visões ecléticas sobre diferentes
abordagens à música tradicional portuguesa,
convocando-nos para a sua audição.



Armando Sousa é
arquivista e programador
na Fonoteca Municipal
do Porto.



Longe estavam de pensar os engenheiros do Estado Novo, quando decidiram construir uma barragem em Vilarinho da Furna, que iam contribuir indiretamente para a preservação do canto polifónico da serania de Gerês. Sob o pretexto de um aproveitamento hidroeléctrico das águas do Rio Homem, a obra fez desaparecer uma das aldeias mais isoladas e autónomas de Portugal, que durante muito tempo resistiu à influência mais além de um vale entre as serras Amarela e do Gerês. Os seus habitantes viram-se então obrigados a acomodar-se noutras localidades do município de Terras de Bouro, privilegiando a vizinha São João do Campo. Aqui encontraram uma comunidade que outrora cantava ao ritmo do trabalho agrícola e que agora se ressentia da perda de mão de obra precisamente para a construção da mesma barragem que trouxera para aldeia os habitantes de Vilarinho.

Em São João do Campo, concentraram-se portanto dois planos da tradição que deram uma nova vida ao canto daquela terra, agora intimamente relacionado com uma simbiose de memórias de um tempo perdido, por um lado a de uma aldeia submersa, por outro a de uma época de forte ligação à terra.

Este disco, onde os Lavoisier se encontram com o canto polifónico de São João do Campo, constitui uma prova material da vitalidade dessa cultura antiga e dos ecos de uma renovação que tornou possível que agora pudéssemos adentrarmo-nos no Minho mais recôndito. Se de um lado do disco se podem ouvir as vozes das Cantadeiras do Campo de Gerês entoando algumas das canções que a montanha e o tempo guardou, do outro Patrícia Relvas e Roberto Afonso exploram o imaginário destas paisagens, trazendo ao canto a dimensão à qual até hoje este resistiu.

Entre 1983 e 1985, José Alberto Sardinha percorreu o Baixo Alentejo à procura de vestígios da viola campaniça na cultura popular. Na Funcheira encontrou Manuel Bento e Manuel Pereira Gomes que ao despique choravam a sua aldeia submersa aquando da construção da barragem do Monte da Rocha, inaugurada no mesmo ano que a de Vilarinho da Furna. Ambos são casos exemplares da renovação musical resultante do encontro entre a memória e a tradição.

Clube Raiz
→ Curadoria
Ilídio Marques
→ Produção
Rita Maia
→ Coordenação técnica
José Pedro Caldas

Revista Raiz
→ Coordenação editorial
Luís Nobre
→ Redação
Cláudia Lomba
Paulo Dumas
→ Design
Design by OOF
→ Fotografia
Lais Pereira
→ Capa
Ana Luísa Gomes
Grupo Folclórico da
Universidade do Minho
→ Contracapa
Carolina Silva
Grupo Folclórico da
Universidade do Minho
→ Impressão
Lidergraf – Sustainable
Printing
→ Tiragem
3.000 exemplares
→ Depósito legal
541631/24
www.braga25.pt

A Equipa de Missão
da Braga 25 resulta da
colaboração entre o
Município de Braga e a
Faz Cultura – Empresa
Municipal de Cultura de
Braga, E.M.

Braga 25 Capital Portuguesa
da Cultura
→ Coordenação Executiva
Joana Meneses
Fernandes
→ Coordenação programa
artístico
Luís Fernandes
Ilídio Marques
Sara Borges
Maria Inês Marques
→ Gestão de projeto
Ana Brito
→ Produção
Natacha Correia
Carolina Cardoso
→ Mediação
Cláudia Cibrão
→ Comunicação
Carolina Lapa
Samuel Silva
Mariana Volz

Câmara Municipal de Braga
Divisão de Cultura
do Município de Braga

Agradecimentos
→ Xavi Ballas
→ Moto Penedo
→ Big Dog Design
→ Kenny Portugal
→ Mosteiro de Tibães –
Património Cultural
Instituto Público
→ Grupo Folclórico
da Universidade
do Minho
→ André Marcos
→ Ana Luísa Gomes
→ Carolina Silva
→ Junta de Freguesia
de Padim da Graça
→ Comissão de Festas
Nossa Senhora da Graça
→ Escola Artística
Conservatório de
Música Calouste
Gulbenkian Braga
→ Junta de Freguesia
de São Victor
→ Junta de Freguesia
de São Vicente
→ União de Freguesias
de Maximinos,
Sé e Cidade
→ Jaime Torres
→ Festival Convergências
→ Jorge Castro Ribeiro
→ Universidade de Aveiro
→ Lavoisier

Promotores

FAZ
CULTURA



Cofinanciamento

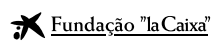
NORTE 50
Programa Regional do Norte



Parceiro institucional



Com o apoio



BRAGA 25

Capital Portuguesa
da Cultura

